

CONTRIBUIÇÕES PARA A DEFESA DE UMA LINGUAGEM ANTIESPECISTA: O CASO DO TERMO “GADO” NA POLÍTICA BRASILEIRA

**CONTRIBUCIONES PARA LA DEFENSA DE UN LENGUAJE ANTIESPECISTA:
EL CASO DEL TÉRMINO *GADO* EN LA POLÍTICA BRASILEÑA**

**CONTRIBUTIONS TO THE DEFENSE OF AN ANTI-SPECIESIST LANGUAGE:
THE CASE OF THE TERM *GADO* IN BRAZILIAN POLITICS**

Enviado: 09/02/2023

Aceptado: 26/02/2024

Daniela Rosendo
Doutora e Mestra em Filosofia (UFSC) e
graduada em Direito (Univille), Brasil.
Email: daniela.rosendo84@gmail.com

Karynn Capilé
Doutora em Bioética, Ética Aplicada e Saúde
Coletiva (PPGBIOS/UFF), Brasil.
Email: karynn.capile@gmail.com

Denis Duarte
Mestre em Ciência de Dados pela University
College Dublin (UCD), Irlanda, e graduado
em Ciência da Computação pela Universidade
do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil.
Email: den.duarte@gmail.com

Maria Alice da Silva
Doutora e Mestra em Ética e Filosofia Política
pelo PPGFIL-UFSC e graduada em Filosofia
pela UFSC, Brasil.
Email: mariaalicesilv@gmail.com

Fabio A. G. Oliveira
Professor de Filosofia da Educação da
Universidade Federal Fluminense (UFF),
Brasil.
Email: fagoliveira@id.uff.br

Tânia A. Kuhnen
Professora de Filosofia da Universidade
Federal do Oeste da Bahia (UFOB), Brasil.
Email: kuhnenta@gmail.com

Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista: o caso do termo “gado” na política brasileira

Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhnen



REVISTA LATINOAMERICANA DE
Estudios Críticos Animales

170

Este artigo tem como objetivo analisar o caso do uso do termo “gado” na política brasileira em uma rede social, para contribuir com a discussão sobre como a linguagem especista reafirma a dominação e subordinação animal a partir de uma perspectiva ético-política. O texto está estruturado em quatro seções: a) um levantamento de dados quantitativos sobre o uso do termo “gado” no Twitter entre janeiro de 2016 e agosto de 2021; b) uma análise, a partir do paradigma ecofeminista animalista, dos significados do termo e dados sobre seu crescente uso no contexto político brasileiro; c) a (in)visibilização de sujeitos não-humanos como indivíduos através da linguagem, em especial, bois ou vacas, pelo uso da palavra “gado”; d) reflexões sobre uma linguagem anti-opressiva, que exige compreendermo-nos a partir de um continuum de relações e interdependências, além de não utilizarmos a palavra “gado” ao nos referirmos a pessoas consideradas acríticas.

Palavras-chave: gado, ecofeminismo, linguagem humana; opressão.

Este artículo tiene como objetivo analizar el caso del uso del término *gado* [ganado] en la política brasileña en una red social, para contribuir a la discusión sobre cómo el lenguaje especista reafirma la dominación y subordinación animal desde una perspectiva ético-política. El texto se estructura en cuatro apartados: a) un relevamiento de datos cuantitativos sobre el uso del término *gado* en Twitter entre enero de 2016 y agosto de 2021; b) un análisis, a partir del paradigma ecofeminista animalista, de los significados del término y datos sobre su creciente uso en el contexto político brasileño; c) la (in)visibilidad de sujetos no humanos como individuos a través del lenguaje, en particular, bueyes o vacas, mediante el uso de la palabra *gado*; d) reflexiones sobre un lenguaje antiopresivo, que exige entendernos a nosotros mismos a partir de un continuum de relaciones e interdependencias, además de no utilizar la palabra *gado* cuando nos referimos a personas consideradas acríticas.

Palabras clave: ganado, ecofeminismo, lenguaje humano, opresión.

This article aims to analyse the case of the use of the term *gado* [cattle] in Brazilian politics on a social network, to contribute to the discussion about how speciesist language restates animal domination and subordination from an ethical-political perspective. This paper is structured in four sections: a) a survey of quantitative data on the use of the term *gado* on Twitter between January 2016 and August 2021; b) an analysis, from the animalist ecofeminist paradigm, of the meanings of the term and data regarding its increasing use in the Brazilian political context; c) the (in)visibilization of non-human subjects as individuals through language, specially, oxen or cows, by using the word *gado*; d) reflexions on an anti-oppressive language, which demands understanding ourselves from a continuum of interdependent relationships, besides not using the word *gado* when referring to people considered uncritical.

KeyWords: cattle, ecofeminism, human language, oppression.

Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista: o caso do termo “gado” na política brasileira

Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhnen



Speciesism can't survive without lies. (...) Linguistically the lies make many forms, from euphemism to false definition. We lie with our word choices. We lie with our syntax. We even lie with our punctuation.

Joan Dunayer, *Animal Equality: Language and Liberation*¹

1. Introdução

A linguagem que utilizamos para dar significado aos contextos sociais pode variar de acordo com o tempo e espaço, de modo que seu uso se torna, quase sempre, uma forma de expressar o repertório daqueles instantes e contextos históricos e sociais. A partir dessa observação, podemos compreender nuances de como são construídos os relacionamentos e dos valores e práticas que permeiam os indivíduos e grupos situados em um momento específico. Em decorrência disso, com o passar do tempo e as mudanças que perpassam essas relações, podemos perceber que a língua usada em certo período histórico pode se tornar “desatualizada” em outro momento.

De maneira mais problemática, os termos e palavras de uma língua podem transmitir ideias e carregar sentidos que passam a se tornar questionáveis à medida que, recorrendo-se à crítica construída com o auxílio da própria linguagem, passa-se a perceber que expressões, ditos populares e outros recursos do repertório oral e escrito, evidenciam-se como preconceituosos. Recentemente, os campos dos estudos críticos raciais e sobre a deficiência têm cada vez mais procurado mostrar que expressões que até ontem boa parte da população utilizava inadvertidamente carregam, na verdade, uma carga histórica preconceituosa contra pessoas negras e/ou com deficiência, dentre outros grupos perseguidos e oprimidos².

De forma análoga, na literatura animalista, há por vezes uma preocupação em mostrar de que maneira o especismo se faz presente também por meio da linguagem e o quanto – geralmente – a referência pejorativa contra quem é comparado a outros animais é partilhada pelo coletivo de pessoas que usam determinada língua. A

¹ “O especismo não sobrevive sem mentiras. (...) Linguisticamente, as mentiras ganham muitas formas, do eufemismo à falsa definição. Nós mentimos com a escolha das nossas palavras. Mentimos com nossa sintaxe. Nós mentimos até mesmo com nossa pontuação.” (Dunayer, 2001, p. 1, tradução nossa).

² Para uma discussão crítica sobre o uso da linguagem no caso do campo dos estudos sobre deficiência, cf. Taylor, S. (2017). *Beasts of Burden: Animal and Disability Liberation*.

Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista: o caso do termo “gado” na política brasileira

Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhn



opressão contra os animais, reconhecidos como um grupo oprimido, perpassa diferentes instituições sociais e políticas, incluindo a linguagem humana. Assim, entendemos que os animais são também uma minoria política³, tendo em vista que “[a]s minorias surgem, então, quando algumas qualidades inerentes ao grupo minoritário são vistas como a razão e a racionalização do tratamento desigual” (Rosendo, 2019, p. 86). Com isso, podemos perceber diferentes violências produzidas pelo recurso à língua: tanto contra quem se intenciona dirigir o insulto quanto, simultaneamente, contra as referências (espécies animais não-humanas) a partir das quais esse insulto é cometido.

Assim como a opressão contra as mulheres e pessoas racializadas, por exemplo, a opressão contra os animais não-humanos também está arraigada nas estruturas sociais. Por isso, o reflexo linguístico nos sinaliza para um comportamento profundo e sistematizado no nosso modo de vida. Desse modo, não é possível tratar o termo “especismo” apenas como um simples preconceito⁴, mas devemos enquadrar o antiespecismo como uma luta tão necessária e legítima quanto outras lutas por justiça social. Não se trata de comparar as violências sofridas por diferentes grupos oprimidos, senão relacionar a complexidade que adentra todas as estruturas sociais e relações de poder que as permeiam, de tal modo que cada realidade e luta possui suas especificidades.

No Brasil, observamos que nos últimos seis anos o uso da palavra “gado” tem ganhado significados diferentes em meio aos acontecimentos políticos. Com isso, parece-nos inicialmente que a referência tem ocupado um espaço importante na

³ No desenvolvimento de um projeto ético-político ecofeminista animalista, Daniela Rosendo (2019) defende que a categoria das minorias políticas deve ser expandida para além dos humanos. Além das minorias culturais, étnicas e sociais que a literatura política filosófica já compreende, a autora alarga sua compreensão a fim de reconhecer também as minorias ambientais: “A metodologia queer permite compreender que alguns indivíduos (que podem formar grupos) são excluídos na medida em que não são considerados sujeitos, mas abjetos. Toda aquela que não estiver no lado de cima dos dualismos de valor opostos e hierarquizados – homem, branco, cisgênero – será marginalizada e excluída pela lógica da dominação. O que permite ampliar a discussão para além dos indivíduos humanos, a partir do queer, é compreender que são justamente os corpos que levam as marcas de poder. É a partir da materialidade do corpo – do gênero e sua identidade, da raça, da etnia, da espécie – que surge o sujeito ou o abjeto a partir da lógica da dominação” (p. 78).

⁴ Para maiores informações sobre o assunto, cf. Oliveira, F. A. G. (2021). “Especismo estrutural: os animais não humanos como um grupo oprimido” in: Parente, A. et al. *Animalidades: fundamentos, aplicações e desafios contemporâneos*, pp. 48-7.

Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista: o caso do termo “gado” na política brasileira

**Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhnen**



linguagem das pessoas, especialmente nas redes sociais, para designar aqueles indivíduos que supostamente agem sem reflexão e responsabilidade e, portanto, sem pensar criticamente antes de expressar sua própria opinião, apenas seguindo os outros, tal qual um comportamento inconsciente do que se entende por “manada”, em que a individualidade e as particularidades dos sujeitos envolvidos é apagada.

O processo metafórico de associar a humanos características convencionalmente atribuídas a determinados animais não-humanos não se resume a simplesmente chamar alguém de “animal”, pois, segundo Wasniewska (2018), uma diversidade de fatores culturais e éticos estão envolvidos nesse processo. Com base nisso, nosso objetivo neste capítulo é, em um primeiro momento, investigar o uso do termo “gado” nos últimos anos, no âmbito do Twitter⁵, buscando identificar relações entre os padrões encontrados e o significado social e político atribuído ao termo. Selecionamos a circulação e popularização da palavra “gado” nessa rede social entre os períodos de 2016 e 2021, visando identificar a correlação entre seu uso e os acontecimentos políticos desta época. A escolha desse recorte temporal pretende extrair uma amostragem da relação íntima entre o emprego político da palavra “gado” e sua popularização no Twitter.

No segundo momento, buscamos discutir as implicações sociais da forma como o termo vem sendo usado, a fim de propor uma ressignificação justa, que não incorra em nenhuma forma de preconceito e opressão, seja contra humanos ou outros que não-humanos. Para tal, recorreremos à literatura ecofeminista animalista em diálogo com outras literaturas, uma vez que assim encontramos subsídios metodológicos e críticos que nos possibilitam compreender o lugar da linguagem na reprodução dos “ismos” de dominação.

Esse capítulo é estruturado em três seções: 1) levantamento de dados quantitativos sobre o uso do termo “gado” no Twitter, no período entre janeiro de

⁵ O Twitter é uma rede social baseada no envio de mensagens curtas (até 280 caracteres) que vem, nos últimos anos, se tornando umas das principais mídias digitais de disseminação de manifestações políticas e opiniões diversas. Além disso, a grande quantidade de mensagens publicadas diariamente e a facilidade de extração desses dados fizeram do Twitter a principal plataforma de dados para pesquisa acadêmica sobre comportamento em redes sociais. É igualmente relevante que pessoas públicas com papéis sociais importantes manifestem suas opiniões por meio dessa rede social, o que fomenta uma intensa interação entre as pessoas que usam a ferramenta.

Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista: o caso do termo “gado” na política brasileira

Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhnen



2016 e agosto de 2021⁶; 2) análise, a partir do paradigma ecofeminista animalista, dos significados do termo e dados quanto ao seu uso crescente no atual contexto político brasileiro; e 3) proposta para construção de uma linguagem emancipatória e antiespecista, que demanda abandonar o uso da palavra “gado” ao se referir às pessoas consideradas acrílicas e sem responsabilidade política.

174

2. Levantamento de dados: metodologia e resultados preliminares sobre o uso da palavra ‘gado’ no Twitter

Os dados apresentados nesta seção foram extraídos da rede social Twitter através de uma aplicação desenvolvida na linguagem Python, utilizando um acesso de pesquisa acadêmica por meio do Portal de Desenvolvimento do Twitter. Tais informações foram obtidas entre os dias 29 de agosto e 2 de setembro de 2021 e submetidas inicialmente a uma análise quantitativa, cujo fim é evidenciar o crescimento da presença da palavra “gado” nas mensagens compartilhadas no Twitter.

Nas análises, foram identificadas e utilizadas um total de 8.549.631 mensagens (*tweets*, na linguagem tanto técnica quanto popular do Twitter) que contêm a palavra “gado” publicadas entre 1º de janeiro de 2016 e 31 de agosto de 2021, por 1.778.562 pessoas diferentes. Essas são todas as mensagens que foram publicadas no Twitter, no idioma português, durante o período indicado anteriormente e que estavam disponíveis no momento da extração, isto é, não haviam sido apagadas pelas autoras e autores ou pelo próprio Twitter.

Finalmente, a análise não considerou *retweets*, republicações feitas pelas usuárias e usuários de uma mensagem de outra pessoa, sem nenhum conteúdo original. Isso foi feito para evitar que *tweets* populares, muitas vezes feitos em perfis

⁶ O ano de 2016 marca o golpe que destituiu de forma ilegítima, por meio do processo de *impeachment*, a presidenta Dilma Rousseff. Assumindo o poder, Michel Temer pôs em marcha um projeto neoliberal agudo, com retrocessos para a efetivação dos direitos fundamentais e prejuízos à democracia. Em janeiro de 2019, foi sucedido por Jair Bolsonaro, que aprofundou ainda mais as desigualdades no país com sua ideologia ultradireitista. Consequentemente, nesse contexto se reconstituiu a ideia de um “inimigo” a ser combatido, reavivando, de forma saudosista, o discurso da “ameaça comunista” que o golpe militar de 1964 alegava combater no Brasil, a partir do qual instaurou o governo ditatorial que perdurou por 24 anos. Atualmente, ainda que não possamos trazer a complexidade do cenário político atual e compreendê-lo de forma mais aprofundada, partimos desse diagnóstico da “polarização”, no sentido de oposição entre a “direita” e a “esquerda”.

Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista: o caso do termo “gado” na política brasileira

Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhn



seguidos por muitas pessoas, afetassem a análise de texto. Em outras palavras, a popularidade do autor ou autora do *tweet* original poderia causar um desvio na análise e os termos utilizados nesse *tweet* poderia causar a impressão de que algumas palavras são mais utilizadas do que outras pelos usuários e usuárias do Twitter de modo geral.

O Gráfico 1 mostra a quantidade de *tweets* publicados com o termo “gado”, em português, em cada ano considerado na análise. Os totais foram 118.001 em 2016, 93.078 em 2017, 269.242 em 2018, 1.532.142 em 2019, 3.656.389 em 2020 e 2.880.779 até o final de agosto de 2021, conforme tabela a seguir.

175

Tabela 1 - Quantidade de *tweets* publicados com o termo “gado” entre 01/2016 e 08/2021

Ano	Quantidade
2016	118.001
2017	93.078
2018	269.242
2019	1.532.142
2020	3.656.389
2021	2.880.779

Fonte: Elaboração das(os) autoras(es) (2022)

Como os dados foram extraídos antes do final de 2021, foi realizada uma projeção do total de *tweets* para esse período anual, considerando que a quantidade seria linear ao longo do ano. Com isso, foram projetados 1.446.317 *tweets* com o termo “gado” entre setembro e dezembro de 2021, o que totalizaria 4.327.096 publicações naquele ano.

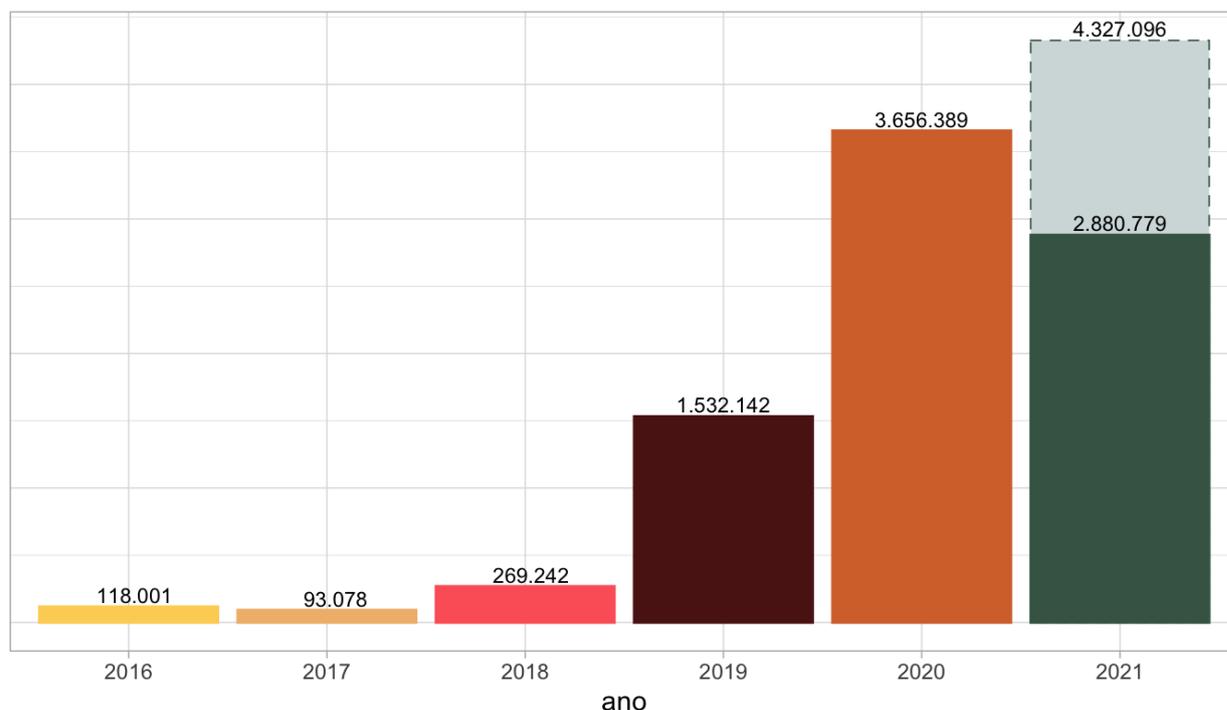
Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista: o caso do termo “gado” na política brasileira

Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhnen



Gráfico 1 - Quantidade anual de publicações em português contendo o termo “gado” feitas no Twitter entre 2016 e 2021⁷.

Quantidade de tweets em português com o termo 'gado' publicados entre 2016 e 2021



Fonte: Elaboração das(os) autoras(es) (2021)

O Gráfico 2, a seguir, mostra a evolução da quantidade de *tweets* publicados dia a dia, durante o período considerado. As linhas verticais marcam algumas datas importantes para tentarmos entender os pontos de inflexão do gráfico: pontos em que o comportamento da linha muda e a média de *tweets* diários e o desvio padrão aumenta consideravelmente.

As datas destacadas são: 1) 16 de agosto de 2018, no início da campanha eleitoral, de acordo com o calendário do TSE; 2) 1º de janeiro de 2019, no início do mandato

⁷ A parte tracejada da barra referente ao ano de 2021 representa uma projeção do total de mensagens para o ano, caso a quantidade de mensagens seja linear ao longo do ano. Isso quer dizer que foram projetadas mais 1.446.317 publicações em português contendo o termo “gado” entre setembro e dezembro de 2021.

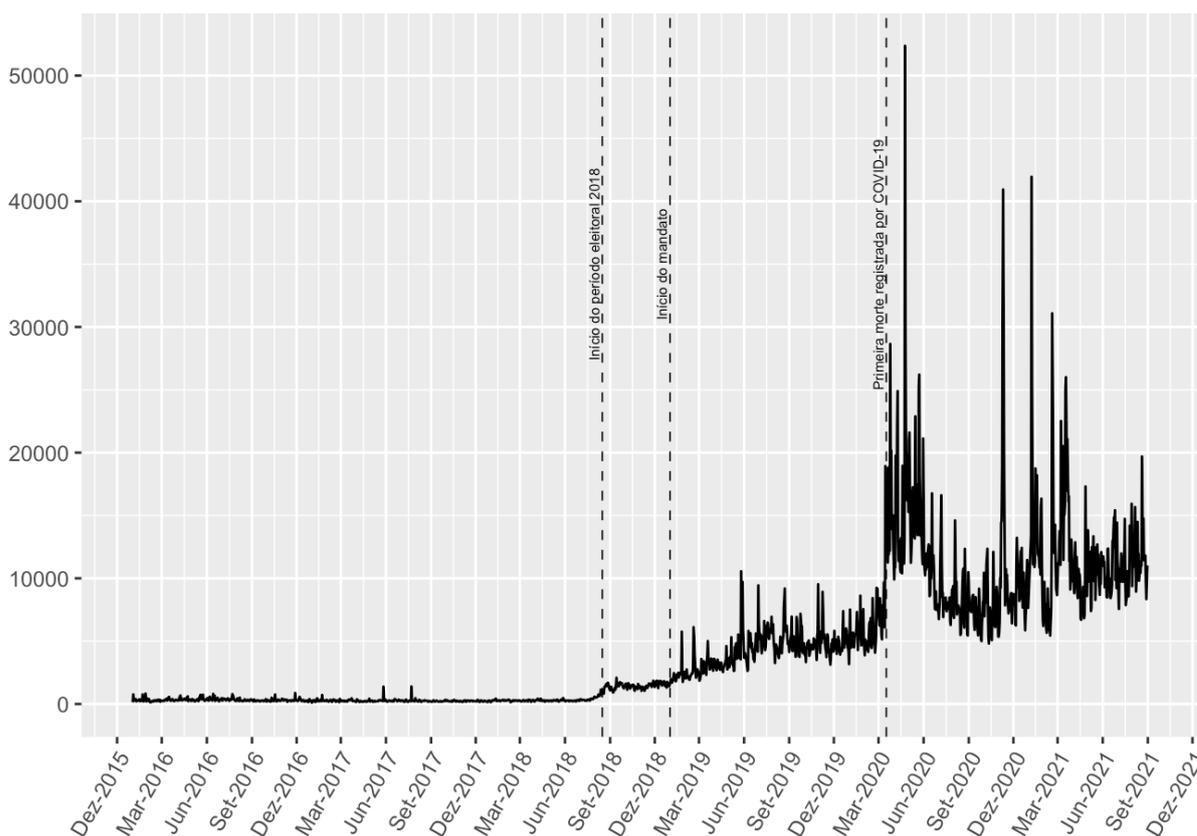
Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista: o caso do termo “gado” na política brasileira

Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhn



presidencial de Jair Bolsonaro; e 3) 17 de março de 2020, quando houve o registro da primeira morte por COVID-19 no Brasil.

Gráfico 2 - Quantidade diária de publicações em português contendo o termo “gado” feitas no Twitter entre 2016 e 2021.



Fonte: Elaboração das(os) autoras(es) (2021)

O gráfico anterior sugere, portanto, uma relação imediata entre o uso da palavra “gado” e sua popularização no ambiente do Twitter nesse período, onde se destacam pelo menos três eventos políticos marcantes no cenário brasileiro que impulsionaram sua disseminação. Tal correlação ganha destaque no momento em que observamos os tweets que se popularizaram (com alto engajamento) nas três datas evidenciadas.

A Tabela 2 destaca os tweets publicados nas datas sinalizadas como ponto de inflexão do Gráfico 2 que tiveram mais engajamento no Twitter (publicações mais

**Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista:
o caso do termo “gado” na política brasileira**

Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhnen



retweetadas, mais respondidas, mais curtidas e mais citadas). Nas três datas, o tweet mais retweetado foi o mesmo que o mais curtido, mostrando uma correlação forte entre as duas métricas. Isso provavelmente se dá por serem duas funcionalidades em que é possível interagir apenas clicando em um botão, sem a necessidade de escrever texto adicional. De maneira similar, é possível perceber uma correlação entre as funcionalidades de resposta e citação, já que em duas das três datas os tweets mais respondidos e mais citados foram os mesmos. Essas funcionalidades exigem que a pessoa que está interagindo com a publicação original escreva um texto próprio.

Tabela 2 - Tweets contendo o termo “gado” que tiveram mais engajamento

Data	Mais retweetado	Mais respondido	Mais curtido	Mais citado
16/08/2018 (início da campanha eleitoral, de acordo com o calendário do TSE)	os cara fala que é brincadeira pra não deixar as Muié braba KKKKKKKKKKKKK KKKKKKKKKKKKK KKKKKKKKKKKKK KKKKKKKKKKKKK KKKKKKKKKKKKK KKKKKKKKKKKKK KKKKKKKKKKKKK gado d+ ⁸	"Você é um gado" Falou o adolescente sem pelo no queixo enquanto mama nas tetas da mamãe. ⁹	os cara fala que é brincadeira pra não deixar as Muié braba KKKKKKKKKKKKK KKKKKKKKKKKKK KKKKKKKKKKKKK KKKKKKKKKKKKK KKKKKKKKKKKKK KKKKKKKKKKKKK KKKKKKKKKKKKK KKKKKKKKKKKKK gado d+	"Você é um gado" Falou o adolescente sem pelo no queixo enquanto mama nas tetas da mamãe.
01/01/2019 (início do mandato)		'O que leva uma pessoa a vestir-se de amarelo e verde, viajar mil quilômetros e ficar	'Gado pra caralho #PatriotaPalooza	Imprensa confinada "num local específico, como se fossem gado em um curral, não

⁸ <https://twitter.com/yourboyez/status/1030111537896337410>.

⁹ <https://twitter.com/monark/status/1030124509599330304>.

**Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista:
o caso do termo “gado” na política brasileira**

Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhnen

<p>presidencial de Jair Bolsonaro)</p>	<p>'Gado pra caralho #PatriotaPaloosa</p> 	<p>cercada como gado só para dar um tchau a vários carros hermeticamente fechados? ¹¹</p>		<p>conseguem fazer seu trabalho." Mírian Leitão</p> <p>https://t.co/JdHyuFobbO ¹²</p> <p>meu deus do céu. o gado eleitoral ele nao decepciona (sic)</p>  ¹³
<p>17/03/2020 (registro da primeira morte por COVID-19 no Brasil)</p>	<p>'Paulo Guedes sobre Lula: “soube trabalhar” “com pouco dinheiro ajudou a vida de muitos brasileiros” “mereceu ganhar uma, duas eleições...” alô, gado! vamos todos fazer um #mugidaço nos postos Ipiranga ¹⁴</p>	<p>'Um haitiano, residente no Brasil, fala na cara dele: “Você não é mais Presidente”. O gado reage ¹⁵</p>	<p>'Paulo Guedes sobre Lula: “soube trabalhar” “com pouco dinheiro ajudou a vida de muitos brasileiros” “mereceu ganhar uma, duas eleições...” alô, gado! vamos todos fazer um #mugidaço nos postos Ipiranga</p>	<p>'Um haitiano, residente no Brasil, fala na cara dele: “Você não é mais Presidente”. O gado reage ¹⁵</p>

Fonte: Elaboração das(os) autoras(es) (2022)

¹⁰ <https://twitter.com/CorrupcaoMemes/status/1080144687586045953>.
¹¹ <https://twitter.com/JRMalia/status/1080140820114796545>.
¹² <https://twitter.com/RodP13/status/1080096776202473472>.
¹³ https://twitter.com/Ahh_Juarez/status/1080240900192772096.
¹⁴ <https://twitter.com/i/status/1239922730503491585>.
¹⁵ <https://twitter.com/PolitiQueijo/status/1239749289892548608>.

Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista: o caso do termo “gado” na política brasileira

Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhnen



REVISTA LATINOAMERICANA DE
Estudios Críticos Animales

Em 16 de agosto de 2018, o *tweet* mais retweetado e mais curtido utiliza a expressão “gado d+”. Essa gíria se popularizou na internet para designar homens que fazem exercício para se tornar musculosos apenas com a intenção de conquistar mulheres¹⁶. Já o *tweet* mais respondido e citado dessa data foi feito pelo *youtuber* Monark, que havia sido chamado de “gado” por conta de uma publicação anterior em que defendia o pagamento de impostos como garantia da infraestrutura social¹⁷. Ambos os casos demonstram que, ainda em 2018, havia no Twitter pelo menos dois usos frequentes da palavra gado para designar duas coisas aparentemente distintas: por um lado, virilidade e, por outro, estupidez.

Em 1º de janeiro de 2019, todos os *tweets* que tiveram mais engajamento, em qualquer das quatro métricas, fazem referência à posse de Jair Bolsonaro como presidente da República. A publicação mais retweetada e mais curtida é uma ilustração que mostra uma mulher traindo o namorado, que foi a Brasília para a posse presidencial, com outro homem. Tanto a postagem mais respondida quanto uma das mais citadas fazem referência a pessoas que ficaram em áreas cercadas durante a posse, por conta do esquema de segurança do evento. Uma delas questiona a motivação dos/as apoiadores/as do presidente, enquanto a outra critica a forma como a imprensa foi tratada na ocasião¹⁸. A outra mensagem mais citada nessa data mostra uma foto de apoiadores/as do presidente vestidos de verde e amarelo e usando a bandeira do Brasil enquanto fazem flexão de braço em frente ao Palácio da Alvorada.

Já em 17 de março de 2020, a publicação mais retweetada e mais curtida é uma incitação para que apoiadores/as do presidente Jair Bolsonaro critiquem o Ministro da economia, Paulo Guedes, em referência a uma fala dele em que são elogiadas ações do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e do vereador pela cidade de São Paulo Eduardo Suplicy. A publicação mais respondida e citada dessa data mostra um vídeo

¹⁶ Cf. STEIN, T. *Gado d+*: <https://www.dicionariopopular.com/gado-demais/>.

¹⁷ <https://twitter.com/monark/status/1030095989561061376>.

¹⁸ Diversos profissionais e veículos de imprensa relataram restrições e desrespeito na cobertura da cerimônia. Sobre o assunto, cf. DW Brasil. *Posse foi marcada por restrições ao trabalho da imprensa*: <https://www.dw.com/pt-br/posse-foi-marcada-por-restri%C3%A7%C3%B5es-ao-trabalho-da-imprensa/a-46921379>; GZH. *Restrição a trabalho de jornalistas na posse de Bolsonaro motiva críticas de profissionais*: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/noticia/2019/01/restricao-a-trabalho-de-jornalistas-na-posse-de-bolsonaro-motiva-criticas-de-profissionais-cjqe82cbd0oro01pi0v0xd5pa.html>.

Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista: o caso do termo “gado” na política brasileira

**Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhnen**



em que um hatiano, residente no Brasil, critica o presidente Jair Bolsonaro por ter participado, dois dias antes, de um evento em que apoiadores/as do governo pediam o fechamento do STF e do Congresso Federal¹⁹.

Ao observar os dados levantados e analisar os picos de uso diário associados aos acontecimentos politicamente relevantes, percebemos que há uma previsibilidade do uso da terminologia “gado”. Nesse sentido, é importante ressaltar que identificamos, no cenário político, a candidatura e eleição de Bolsonaro para a presidência da República²⁰ como marcos para interpretação dos dados quantitativos levantados à luz do ecofeminismo animalista, conforme desenvolvemos a seguir.

3. Contribuições do Ecofeminismo animalista para definir e decifrar a linguagem especista

Os ecofeminismos, que surgem a partir de uma conversação dialógica entre teoria e prática, entre mundo acadêmico e ativismos feministas e ambientais, proporcionam diversos instrumentos e chaves teóricas para a leitura do mundo. Entre essas contribuições temos a compreensão das relações, que se torna possível a partir do conceito dos “dualismos” destacado por autoras como Val Plumwood e Karen J. Warren.

Uma rede formada por diferentes dualismos está na base da cultura e do cenário político ocidental e permite reconhecer como as formas de opressão estão conectadas entre si. No entender de Plumwood (1993), os dualismos marcam a construção da esfera demarcada e desvalorizada do “outro”, além de negarem as formas de dependência e interdependência em relação ao “outro” subordinado. Eles se caracterizam por uma “forma de diferenciação alienada, em que o poder interpreta e constrói a diferença em termos de um reino inferior e estranho” (p. 42). Esses

¹⁹ Cf. CNN Brasil. *Notícias do dia 17 de março de 2020 divulgadas no site da CNN*: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/1-morte-por-coronavirus-no-brasil-e-mais-noticias-da-tarde-de-17-de-marco/>.

²⁰ Para além de Bolsonaro, entendemos que sua eleição e atuação política são marcadas pelo bolsonarismo, fenômeno que transcende sua figura política e se estende para a constituição de uma ideologia de ultradireita. Exemplo disso foi o aumento expressivo de candidatos/as do PSL, partindo ao qual Bolsonaro era filiado no início do seu mandato. Em Santa Catarina, a sigla partidária foi responsável por eleger o então candidato a governador, Carlos Moisés, que sequer estava entre os favoritos nas pesquisas para o governo do estado.

Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista: o caso do termo “gado” na política brasileira

**Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhnen**



REVISTA LATINOAMERICANA DE
Estudios Críticos Animales

dualismos, em virtude da institucionalização e naturalização do poder, tornam-se parte de expressões culturais, entre eles, o sistema de linguagem humana.

Warren (2000) faz referência aos dualismos como parte das estruturas conceituais opressoras. É por meio dessas estruturas que relações de dominação e subordinação são justificadas e mantidas. Para tanto, se requer pensamento hierárquico de valor e dualismos de valor oposicionais, isto é: primeiro se dividem os grupos hierarquicamente em mais elevados e menos elevados, atribuindo mais valor aos primeiros; segundo, pares disjuntivos de grupos são formados, se tornam excludentes e oposicionais. O lado que possui mais valor nesses pares passa a exercer poder sobre o outro e garantir para si privilégios. A estabilidade desse sistema de dualismos exige uma “estrutura lógica de argumentação que ‘justifica’ a dominação e a subordinação” (p. 47). Fica evidente que a dominação se constrói e se mantém pela linguagem humana usada como meio para dar sentido à prevalência da lógica da dominação.

Conforme salienta Warren, é importante situar a linguagem nos contextos nos quais ela é utilizada. Nesse sentido, animalizar mulheres em uma cultura patriarcal nos quais os animais são vistos como inferiores aos humanos, rebaixa também o status das mulheres e as coloca numa relação de inferioridade aos homens. O inverso também ocorre: feminizar a natureza, em uma cultura patriarcal que subordina as mulheres, reforça e autoriza a dominação da natureza.

Ao destacarmos a importância dos dualismos hierárquicos como um elemento central das culturas ocidentais que produzem sistemas de opressão, observamos que a linguagem está no centro da sustentação das oposições excludentes. Ela permite registrar e reafirmar continuamente a separação e oposição entre os de cima e os de baixo. Dunayer (2001) acrescenta que “o uso atual [da linguagem] promove uma falsa dicotomia entre humanos e não humanos. Léxicos separados sugerem comportamentos e atributos opostos” (p. 2). Esses dualismos, por meio do auxílio da linguagem, separam os diferentes sujeitos, humanos e não-humanos, em grupos com poder e grupos oprimidos, mostrando como os que estão do lado de cima compartilham várias características de poder. Dessa forma, temos os homens, brancos, racionais e a cultura, por exemplo, situados do lado de cima dos grupos com

Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista: o caso do termo “gado” na política brasileira

**Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhnen**



valor; enquanto as mulheres, pessoas negras/racializadas, emoções, natureza e animais estão do lado de baixo e pertencem aos grupos sem valor.

A individualidade e a subjetividade dos grupos oprimidos é negada, resultando em perspectivas existenciais muitas vezes diminuídas, apesar das tentativas de resistência que se constroem no interior de grupos subalternizados. No caso do exemplo em análise, o uso da palavra “gado” reforça a ideia de um coletivo sem individualidade, seja no caso do animal usado como meio para insultar, seja no caso do grupo humano insultado. Não há espaço para a diversidade e individualidade em meio ao coletivo. Dessa forma, o ato de insultar alguém com o nome de um animal, membro de um grupo situado do lado de baixo dos dualismos, mostra as associações que a lógica da dominação vai construindo, por meio da linguagem reducionista a favor da manutenção da dominação, entre aqueles que pertencem aos diferentes grupos do lado de baixo do dualismo.

Os ecofeminismos propõem que as aproximações realizadas entre os grupos submetidos aos impactos negativos da lógica da dominação nos levam a perceber que as opressões desses sujeitos não podem ser tratadas de forma indissociada. Em outros termos, isso significa que o combate à linguagem especista requer que se olhe para o funcionamento de uma linguagem humana baseada em dualismos e na lógica da dominação, pois esse sistema está na base da linguagem que expressa preconceitos contra diferentes grupos situados do lado de baixo dos dualismos hierárquicos de valor.

A linguagem baseada em dualismos é racista, capacitista, cisheterossexista e especista, portanto, na crítica à linguagem é necessária uma abordagem interseccional que promova o enfrentamento de toda a base do sistema de dominação e exploração que se manifesta na construção do discurso por meio dessa linguagem. Quando os grupos são tratados de forma dissociada, corre-se justamente o risco de fazer uma crítica a um grupo que está no poder e perpetuar injustiças e exploração contra outros grupos humanos, ao mesmo tempo em que o grupo dos animais não-humanos, como no caso do uso da palavra “gado”, permanece inquestionadamente do lado de baixo dos dualismos. Por isso, a linguagem antiopressora, na perspectiva do ecofeminismo animalista, poderia ser um caminho importante a ser trilhado no combate a todos os “ismos” de dominação.

Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista: o caso do termo “gado” na política brasileira

**Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhnen**



É importante destacar que analisamos o uso da palavra “gado” no contexto da rede social Twitter e suas implicações éticas em relação aos animais não-humanos, através de uma perspectiva ecofeminista animalista que busca a libertação animal intimamente conectada a todas as formas de opressão. É justamente por analisarmos a questão animal indissociada de aspectos socioambientais, sociorraciais, gendricados, heteronormativos que envolvem inúmeros elementos políticos que nos propusemos a pensar esse tema e contribuir, a partir da práxis ecofeminista²¹, com a construção de uma linguagem antiopressora, isto é, que não incorra nem perpetue quaisquer formas de opressão, inclusive em relação aos animais não-humanos subjugados pelo especismo.

É nesse intuito que investigamos a existência de algum tipo e/ou grau de violência implicada no uso recorrente da expressão “gado” no Brasil dos últimos anos. Consideramos que tal emprego, entre tantas expressões pejorativas que designam outros animais, impacta o nosso relacionamento interespecies. Além disso, procuramos identificar o limite que essa expressão estabelece uma vez que não busca obter um significado real acerca da vida dos animais bovinos no caso em questão. A esse uso e abuso da representação dos animais através da linguagem com intenções descritivas de um estado de inferiorização e subjugação, chamamos de “linguagem especista”. Dessa forma, compreendemos que a utilização das espécies animais como adjetivos que visam atribuir alguma “falta” cognitiva, inabilidade ou disfunção se ampara e, ao mesmo tempo, promove o especismo.

Tal atitude vem compondo o exercício contínuo de “animalização” – em oposição dualista e inferiorizada à “humanização” – de animais humanos e não-humanos ao longo da história. Ou seja, trata-se de uma tentativa permanente de realocar, através da linguagem, os animais à condição de animalidade enquanto inferioridade e subjugação ao humano detentor do poder, tendo em vista o par oposicional humano/animal. Nesse caso, a humanidade seria uma categoria

²¹ “A práxis, entendida como a relação dialética entre pensamento e ação, é uma característica fundamental dos ecofeminismos. Teoria e prática se integram mutuamente de modo a compreender e sistematizar, a partir de ferramentas conceituais e metodológicas, tanto a relação entre as diferentes formas de opressão quanto as experiências das mulheres que revelam modos não hierárquico-dualistas e não exploratórios de estabelecer as relações sociais, ambientais e interespecies” (Rosendo & Kuhnen, 2021, n.p.).

Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista: o caso do termo “gado” na política brasileira

**Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhn**



preenchida por aquele que não é animal; ou seja, por aquele capaz de negar ou controlar sua animalidade. A animalidade seria, ela própria, condição de possibilidade para a definição da humanidade e, essa última, dependente da animalidade para se figurar como hierarquicamente superior àqueles e àquelas que serão observados como “menos humanos” ou “animalizáveis”. É neste contexto que os animais se tornam não somente uma descrição, mas um insulto, visto que têm o seu estatuto moral rebaixado pela linguagem humana. A seguir, iremos analisar os problemas relativos ao emprego da palavra “gado” nesse âmbito.

4. A (in)visibilização de sujeitos não-humanos pela linguagem

Quando entramos em contato com o signo “gado”, a maioria de nós visualiza um conjunto de animais, comumente chamados de bois ou vacas. Nosso levantamento reafirma essa tendência, pois em nossa amostra, o conteúdo explícito e implícito das mensagens, imagens e pistas visuais alude aos seres bovinos. Entretanto, diversos dicionários da língua portuguesa e enciclopédias concordam ao definirem gado, de forma mais ou menos detalhada, como um conjunto de animais (de várias possíveis espécies) criados para fins agrícolas²². Com isso, destacamos um primeiro ponto que nos chama a atenção: embora o conteúdo semântico da palavra possa dizer respeito a muitos outros casos, tendemos a ver os bovinos como os representantes dessa modalidade de exploração que o termo “gado” nomeia.

Aqui, acionamos para auxílio na reflexão, o conceito de “referente ausente”, proposto pela filósofa Carol J. Adams (2010), o qual sinaliza a desvinculação entre o que foi transformado em objeto de consumo (frequentemente mulheres, pessoas racializadas e animais não-humanos) e o sujeito que o precede. Um exemplo é o modo como a palavra “carne” encobre o fato de nomear os fragmentos do corpo de alguém que foi transformado em objeto de consumo. Dessa forma, o sujeito cujo corpo foi transformado em carne, embora seja o referente do signo em questão, acaba ausentado do significado que a palavra evoca. O ato de atribuir rótulos mais convenientes para práticas inconvenientes e controversas (matar, explorar e consumir seres que sofrem),

²² Cf. Dicionários e definições: <https://dicionario.priberam.org/gado>; <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/gado/>; <https://www.lexico.pt/gado/>; <https://pt.wikipedia.org/wiki/Gado#>.

Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista: o caso do termo “gado” na política brasileira

Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhnen



invisibilizando o sujeito referente real já é, em si, violento. E parece que o tratamento, via linguagem, tem relação indissociável com outros âmbitos e modos de tratar, fundamentais das relações. Por isso, Adams (2010) afirma que “qualquer movimento contra violência precisa reconhecer que não apenas mulheres não deveriam ser tratadas como carne, os animais também não deveriam” (n.p.), pois *tratar como carne* já seria em si mesmo uma violência.

Fazendo uma aproximação entre a reflexão do parágrafo anterior e o nosso tema específico de análise, entendemos que o signo “gado” desempenha função semelhante à do signo “carne”, enquanto instrumento objetificador, desindividualizador e capaz de ausentar o referente. Assim, propomos a adaptação da afirmação de Adams ao caso do “gado”. Há uma série de atos implícitos mesmo nas definições mais sucintas do vocábulo *gado*: dominar, forçar, explorar, confinar, prender, instrumentalizar. Parece-nos claro que *tratar como gado* é, por definição, violento. Portanto, se nos opomos à violência injustificada, faz sentido afirmarmos que não apenas humanos não deveriam ser tratados como gado, animais também não deveriam.

Sob o prisma do referente ausente, este parece um caso de desqualificação moral dupla: a quem se endereça e à própria espécie bovina. Assim como a injúria de gênero e a racial, há uma injúria especista. Ou seja, trata-se de um discurso injurioso²³ mais amplo que demonstra uma injustiça estruturalmente arraigada. Os sujeitos bovinos são os referentes da expressão “gado”, porém, são claramente ausentados, em sua subjetividade, quando são objetificados, fragmentados e consumidos das mais diversas formas, ou transformados em metáforas da ausência de inteligência, crítica e escolha consciente.

Sujeitos bovinos são cotidianamente explorados e objetificados de diversas formas. Quando traçamos um panorama das relações entre seres humanos e seres bovinos ao longo da história é evidente a prevalência de ações de dominação, subjugação e instrumentalização na conduta dos primeiros para com os segundos. O valor das vidas bovinas é lastreado pelo preço da arroba, do litro de leite, de quanto

²³ Por discurso injurioso entendemos, tal qual estabelece Judith Butler (2021) um ato de fala que visa a desqualificação dupla tanto daquele que é chamado por ele quanto aquele que é referenciado metaforicamente. Dessa forma, o discurso injurioso é também uma forma de manutenção de hierarquias através da linguagem.

Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista: o caso do termo “gado” na política brasileira

**Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhnen**



REVISTA LATINOAMERICANA DE
Estudios Críticos Animales

entretenimento é possível extrair de seus corpos em eventos como rodeios, vaquejadas e afins.

As representações e referências linguísticas aos bovinos são sintomáticas desse padrão violento de relacionamento, sendo a desindividualização uma das violências emblemáticas do modo como são referidos: rebanho, manada, boiada, vacada, plantel, lote, gado. Quando se diz “o gado” não se está considerando os interesses particulares de cada um dos participantes de um certo coletivo “gado”, frequentemente composto por dezenas de milhares de indivíduos, somando valores colossais, os quais chegamos a ter limitações epistêmicas para conceber.

O conceito de “desindividualização” tem um papel importante na argumentação da psicóloga social Melanie Joy (2010), segundo a qual existe uma ideologia invisível – o carnismo – que legitima a exploração animal. A autora aponta um trio de distorções cognitivas, favorável à manutenção da ideologia carnista: objetificação, desindividualização e dicotomização. Tais mecanismos psicológicos de defesa consistem, respectivamente, em ver animais como objetos; ver animais como um grande grupo homogêneo e abstrato – não como diversos indivíduos únicos – e ver animais como pertencentes a categorias dicotomicamente opostas.

Em nossa investigação acerca das implicações e significados que permeiam o emprego da palavra “gado”, o conceito de “desindividualização”, especialmente, nos parece apropriado para descrever parte da invisibilização bovina que se evidencia por meio do discurso cotidiano. Joy (2010) descreve desindividualização como “o processo de só enxergar os indivíduos em termos da identidade do grupo, como se todos tivessem exatamente as mesmas características que qualquer um do grupo” atrelado à “falha em reconhecer a individualidade das partes que constituem o todo” (p.118).

Indivíduos bovinos compartilham características comuns que eventualmente são mais bem organizadas em agrupamentos descritivos para fins específicos, incluindo o detalhamento de particularidades fisiológicas relevantes para a compreensão de necessidades e interesses fundamentais de qualquer membro da espécie *Bos taurus*. O mesmo se aplica a qualquer outro agrupamento taxonômico e nomenclaturas semelhantes. Um indivíduo bovino pode ser mais bem atendido em alguma necessidade considerando-se que é um herbívoro, ruminante, com quatro estômagos e visão bilateral. Porém, sendo alguém único, subjetivo e portador de

Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista: o caso do termo “gado” na política brasileira

Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhnen



REVISTA LATINOAMERICANA DE
Estudios Críticos Animales

demandas particulares, o reconhecimento de sua individualidade também é fundamental para que suas necessidades possam ser supridas, assim como indivíduos humanos e quaisquer outros²⁴.

Tanto os atributos compartilhados com outros indivíduos quanto os particulares podem ter extrema relevância para qualquer sujeito. Nesse sentido, conhecer, entender e descrever expressões comportamentais comuns entre bovinos poderia não ser uma violência. À parte muitas críticas cabíveis, a etologia²⁵, por exemplo, embora possa ser violenta, também pode não ser (Buchanan *et al*, 2010). No entanto, as menções que se tem observado a respeito de como vacas e bois, teoricamente contidos no coletivo “gado”, se comportam, o que querem e do que são ou não capazes são injustas em múltiplos sentidos. Talvez o mais gritante seja o fato de que nunca se está falando das vacas e bois, sujeitos, de fato.

Vacas e bois são gregários, o que quer dizer que apreciam e precisam viver em grupo. Costumam ter organização social bem definida e se sentem desesperados quando se veem separados de seu grupo. Criam vínculos intensos de amizade entre si, são inteligentes, cuidadosos e gostam de interagir ludicamente (Marino & Allen, 2017). O fato de sua organização gregária ter se tornado um símbolo social pejorativo indica algo importante sobre as relações humano-bovino²⁶: ainda temos muito o que aprender, sobre eles e sobre nós.

A prática sistematicamente reproduzida pelas narrativas dominantes, de ausentar o referente, ou seja, de ignorar, invisibilizar, distorcer as múltiplas

²⁴ Por uma limitação de escopo, não entraremos aqui no âmbito da Filosofia da Biologia e toda a problemática que circunda as diferentes propostas de classificações e agrupamentos de seres biológicos, tampouco nos debruçaremos sobre os possíveis paralelos disso com o problema do essencialismo, mas vale registrar que consideramos estes aspectos merecedores de fundamental atenção em condições oportunas. Para maiores informações, cf. o verbete Ereshefsky, M. *Species. The Stanford Encyclopedia of Philosophy*: <https://plato.stanford.edu/entries/species/>.

²⁵ Área que estuda o comportamento, reconhecida como ciência, no âmbito internacional, em meados da década de 70, ganhando expressividade no Brasil posteriormente. Para maiores informações, cf. Ades, C. (2010). “Do bicho que vive de ar, em diante: uma pequena história da Etologia no Brasil”. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, v. 78, n. 1, pp. 90-104.

²⁶ O termo original “*human-bovine relations*” foi utilizado (e provavelmente inaugurado, com esse sentido) por Linné e Pedersen (2017) em uma coletânea de textos da linha dos Estudos Críticos Animais acerca da cultura da carne (*meat culture*, no original em inglês). Adotamos o termo como uma tentativa de escapar do agrupamento generalizador “animais”, buscando direcionar a atenção aos indivíduos bovinos sobre os quais estamos falando. Para maiores informações, cf. Linné, T; Pedersen, H. (2017). “With care for cows and a love for milk: Affect and performance in dairy industry marketing strategies”. In: Potts, A. (Ed.). *Meat Culture*, pp. 109-128.

Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista: o caso do termo “gado” na política brasileira

**Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhnen**



REVISTA LATINOAMERICANA DE
Estudios Críticos Animales

subjetividades por conveniência cultural ou mercadológica, é bastante evidente no âmbito da publicidade de leite e derivados, que exclui totalmente da cena do consumo as vacas reais, com suas preferências e particularidades (Capilé *et al.*, 2021).

Também é violento o costume linguístico de se aludir aos bovinos com intuito de se ridicularizar, menosprezar e humilhar alguém, como quando mulheres são pejorativamente chamadas de “vacas” ou certos grupos ideológicos chamados de “gado” para conotar características consideradas socialmente desprezíveis, como obediência cega²⁷, subordinação, docilidade e ausência de resistência. O apelo às metáforas animais como símbolos de inferiorização do “outro” têm sido descrito e problematizado pela literatura ecofeminista desde seus primórdios (Dunayer, 1995), sendo também um tema recorrente de investigações na linha dos Estudos Críticos Animais.

Inclusive, quando Warren (2000) faz uma revisão da literatura ecofeminista e identifica as interconexões que as autoras traçam entre a opressão sofrida pelas mulheres e pela natureza, aparece também a referência à linguagem. Ao tratar, então, da interconexão linguística, Warren ressalta que, na Filosofia (a exemplo de Wittgenstein), já se argumentava que a linguagem usada reflete o conceito de si e do seu mundo. Justamente por isso, a linguagem tem um papel fundamental na formação conceitual. As ecofeministas, por sua vez, têm argumentado que, conseqüentemente, a linguagem tem um papel crucial também para manter e reforçar a opressão sexista, racista e naturista²⁸.

Em sentido convergente, a filósofa Elisa Aaltola (2010) explica a importância de se investigar e entender a relevância do contexto e do paradigma cultural sobre as relações interespecie e seus desdobramentos éticos. Ela problematiza a tendência, observada ao longo do percurso histórico da ética animal – enquanto campo de estudo – a uma abordagem concentrada na razão e na teoria como vias exclusivas de abordagem da moralidade. A partir disso, a autora defende que uma abordagem mais adequada e completa precisa considerar outras esferas relevantes, como o papel do contexto e do paradigma cultural sobre o modo como as relações se constroem. Para isso ela volta a atenção ao âmbito da linguagem e das complexidades que compõem a

²⁷ Aqui, ao qualificar o tipo de obediência, registramos que além de especista a expressão é também capacitista.

²⁸ Termo cunhado por Warren (2000) para designar a dominação injustificada da natureza.

Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista: o caso do termo “gado” na política brasileira

Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhnen



REVISTA LATINOAMERICANA DE
Estudios Críticos Animales

construção de significados, o que ela identifica como abordagem wittgensteiniana. O termo deriva da aproximação feita pela autora a partir das contribuições de Wittgenstein para pensar a relação entre linguagem e realidade, especialmente a concepção de que a linguagem (sua dinâmica, seus elementos, funcionamentos e seus jogos) tem fundamental participação em como apreendemos e experienciamos o mundo.

Metáforas com animais para caracterizações humanas são historicamente usadas para desumanizar e inferiorizar membros de grupos externos. Em uma reflexão sobre a metáfora “pessoas são gado”, Waśniewska (2010, p. 10) sugere que as conotações negativas vêm do estereótipo de animais como máquinas, geralmente avaliados por desempenho produtivo. No Brasil, atualmente, gado descreve um grupo formado por vacas e bois e é sinônimo de “aceitar sem reclamar”, “apanhar sem revidar” mesmo quando se é ferido e mutilado, situação corriqueira no dia a dia da exploração animal. Agir como gado, nesse sentido, expressa uma obediência sem questionamento, uma ação realizada de forma automática. Esse significado reflete concepções binárias, dicotômicas e dualistas de que humanos se situam de um lado, providos de razão e vontade própria, e os não-humanos de outro lado, desprovidos destes atributos.

Contudo, essa suposta falta de resistência, muitas vezes entendida como docilidade bovina, frente aos abusos humanos, precisa ser contextualizada: os sujeitos bovinos com os quais convivemos hoje foram gananciosamente domesticados, inseridos, subjugados e forçados a viver sob determinadas condições, sem opção ou sem possibilidade de resistência. Talvez a não resistência do “gado” diga muito mais sobre os mecanismos humanos de opressão do que sobre uma suposta docilidade bovina.

5. Por uma linguagem antiopressora

Dentro de uma proposta de linguagem antiopressora, e mais especificamente antiespecista, é importante nos compreendermos a partir de um *continuum* de relações de interdependência marcadas pela diversidade e não por dualismos oposicionistas. A ideia de um *continuum* precisa nos manter preocupados/as com a

Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista: o caso do termo “gado” na política brasileira

**Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhnen**



individualidade dos sujeitos, ao mesmo tempo em que, conforme destaca Plumwood (1993), afasta o risco de simplesmente eliminar as distinções junto com a desconstrução dos dualismos. A linguagem precisa ser reconstruída nesse sentido, a partir da continuidade e não da separação e de supostas oposições excludentes.

Plumwood (1993) realiza algumas sugestões para auxiliar no desmantelamento do olhar dualista-hierárquico que nos constitui. Para escapar dos dualismos, segundo a pensadora, é necessário recorrer a remédios anti-dualistas e concepções não hierárquicas das diferenças, que envolvem: 1) construir sistemas de pensamento, abordagens e percepções que reconheçam a dependência como fundamentação; 2) afirmação da continuidade, recuperação das áreas de sobreposição e integração ao invés de manter o foco na separação; 3) revisão das identidades situadas em cima (consideradas superiores) e embaixo (tidas como inferiores), considerando as práticas de resistência destas últimas e as fontes independentes e positivas para essas identidades; 4) reconhecer a complexidade e diversidade para substituir a homogeneização e marginalização do outro excluído. Todos esses aspectos necessitam de permanente atenção na tentativa de construção de uma linguagem antiopressora, sempre conscientes de que se trata de uma nova rota, com trilhas e nós que surgirão, e que o caminho precisará ser revisto.

Se quisermos, portanto, construir uma comunidade de vida na Terra antiopressora, fortalecendo nossas relações de interdependência com os animais não-humanos por meio de encontros e práticas de coexistência justas, precisamos não apenas falar pelos animais, mas falar com eles. A linguagem humana não é a única fonte de comunicação. Conforme afirma Meijer (2019), “a linguagem é uma importante ferramenta de interação e de construção de mundo em comum com outros” (p.5). Para tanto, a autora salienta que o próprio sentido tradicional de linguagem precisa ser rompido para não repetirmos os tradicionais erros antropocêntricos.

Ao reconhecer a possibilidade de desenvolver uma linguagem interespécies, Meijer (2019) destaca que devemos nos atentar ao fato de que não existe algo como “a linguagem animal”, mas sim muitas espécies diferentes, comunidades e grupos de animais não-humanos, indivíduos animais que se expressam de modos distintos a depender das relações construídas com os humanos, conforme se pode observar nos

Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista: o caso do termo “gado” na política brasileira

**Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhnen**



REVISTA LATINOAMERICANA DE
Estudios Críticos Animales

diferentes relatos de Vinciane Despret (2021). Nesse sentido, manter os diferentes animais como referentes presentes, reconhecendo suas distinções uns dos outros, é fundamental, juntamente com o reconhecimento de sua capacidade de agência e o confronto do dualismo entre humanos e animais.

No entendimento de Meijer (2019), os animais têm múltiplas formas de expressão, de criação de significados que estão por trás de suas próprias perspectivas de vida e comunicação com outros da mesma espécie ou interespecies. Dessa forma, “humanos e outros animais podem ter, e na verdade já têm, relações em que a espécie não é o fator determinante para alcançar compreensão ou intimidade e nas quais humanos não objetivam oprimir os outros animais com os quais eles compartilham a casa ou a terra” (p. 8).

Na tentativa de modificar a linguagem dualista, construída sob o pressuposto da exclusão de outros animais da esfera da linguagem, podemos olhar para outras cosmologias, que reconhecem o *continuum* entre as formas de vida. O pensador indígena Ailton Krenak (2019) apresenta sua experiência anti-dualista para adiar o fim do mundo ao afirmar que “tudo é natureza” e que em certas culturas é possível que os seres humanos conversem com pedras e montanhas, as quais podem, inclusive, ter uma personalidade que se manifesta nas relações e conversas com os seres humanos. Podemos observar, nessas culturas, outras possibilidades de uso da linguagem anti-dualista que fraturam o sistema opressor ocidental.

Também os ecofeminismos que dialogam com a ética do cuidado são essenciais aqui, à medida que propõem a necessidade de olhar para as particularidades dos contextos e voltar a atenção para o outro a partir do reconhecimento da interdependência. Uma atenção amorosa, segundo Josephine Donovan (1996), permite “(...) uma construção imaginativa simpatizante da realidade do outro” (p.152), em vez de meramente percebermos o outro como um oposto. Marti Kheel (2008) destaca que o cuidado se torna um modo de vida ou uma forma de consciência que nos convida a sermos responsáveis, o que nos auxilia na habilidade criativa de pensar uma linguagem que inclua as realidades de humanos e não-humanos.

Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista: o caso do termo “gado” na política brasileira

Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhnen



REVISTA LATINOAMERICANA DE
Estudios Críticos Animales

Por fim, a construção de uma linguagem antiopressora requer também levar em consideração a metáfora de Warren (2000), sobre a teoria como um *quilt*²⁹, uma vez que precisamos repensar de forma constante as palavras que usamos para descrever as coisas e dar novos sentidos ao que existe no mundo. Acreditamos e defendemos que a teoria como um *quilt* nos compromete ética e politicamente com um outro mundo possível.

6. Considerações finais

Embora bovinos possam ser inteligentes, afetuosos e sensíveis, não é isso o que se pretende significar quando se acusa pessoas de serem gado. Reduzir o comportamento dos bovinos a certos aspectos negativos nos parece, portanto, não somente inadequado, mas sobretudo injusto e resultante do especismo estrutural que se manifesta também via linguagem. Ou seja, trata-se de um ato injurioso que visa única e exclusivamente a desqualificação do outro a partir de uma suposta ausência de boas características dos bovinos.

A forma derogatória como a expressão vem sendo usada, principalmente nos últimos anos – conforme o levantamento quantitativo realizado no Twitter entre 2018 e 2021 – reflete um tipo de desprezo pelos bovinos, os quais apenas ganham espaço no discurso público quando servem para simbolizar características malvistas que representam difamação. Conseqüentemente, os bovinos são instrumentalizados, inclusive de modo linguístico, por meio de rotulações que anulam qualquer possibilidade de visibilização da subjetividade bovina, de suas sofisticadas capacidades cognitivas, das sensibilidades, preferências, decisões e desejos próprios.

Além de servir à ausência do referente que permite a individuação dos bovinos, nessa linguagem especista – que aparentemente nada tem a ver com os animais em si, na medida em que o uso do termo “gado” parece almejar somente a adjetivação pejorativa de humanos –, está implícita também a subjugação dos próprios animais.

²⁹ “A filósofa Karen J. Warren usa a metáfora do *quilt*, um trabalho artesanal geralmente feito por mulheres, para afirmar que teorias são como quilts e as condições necessárias são como seus limites. Nesse sentido, um *quilt* ecofeminista filosófico é altamente contextual na medida em que é formado por diferentes remendos e por pessoas de diferentes contextos, seja social, histórico ou material” (Rosendo, 2019, p. 27).

Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista: o caso do termo “gado” na política brasileira

**Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhn**



Afinal, o que buscamos demonstrar é que a linguagem é justamente uma das formas pelas quais se sustentam e perpetuam as opressões interconectadas, conforme denunciam os dualismos de valor hierárquicos. Assim, essa linguagem pejorativa em relação aos humanos simultaneamente reforça e naturaliza, cada vez mais, a opressão dos animais.

No contexto brasileiro, cujo modelo de desenvolvimento é assentado no tripé agronegócio, mineração e grandes empreendimentos, a linguagem especista exerce também a função de legitimar a exploração dos animais e da natureza, ambos inferiorizados. Além disso, a emissão de gases de efeito estufa oriunda da exploração de animais para fins alimentares (produção de carnes e laticínios, por exemplo) é um fator central que tem contribuído para o aquecimento global e a crise climática já instaurada.

Em linhas gerais, chamar alguém de “gado” significa dizer que essa pessoa “aceita sem resistir” e não faz uso de sua capacidade crítica ao fazer escolhas. Aparentemente essa ideia pressupõe uma premissa comum, de que gado aceita sem pensar, a qual costuma vir acompanhada de julgamentos arbitrários, como o de que gado age desse modo por estupidez ou incapacidade. Essa suposição é milenar, arraigada, historicamente sustentada por crenças e valores dualista-hierárquicos dominantes e tem influência em múltiplos setores da sociedade.

Como vimos ao longo do capítulo, entretanto, o gado não aceita (por opção) ser explorado, mas é violentamente forçado, por meio de agressão física e psicológica, a viver sob condições inaceitáveis. Portanto, a premissa sobre sua pretensa “falta de capacidade de fazer escolhas” sequer faria sentido na tentativa de construir algum argumento inicial para a defesa do emprego da palavra “gado” aos significados que localizamos por meio da pesquisa na rede social Twitter. Similarmente, a suposição seguinte é facilmente contestada, pois quaisquer possíveis sujeitos que sejam os referentes de um coletivo gado, podem ser inteligentes e inequivocamente capazes de pensar de acordo com os desafios do seu modo de vida. Há, de fato, muito o que se discutir, em âmbito ontológico, ético e político sobre os problemas de se insistir na formulação e aplicação de conceitos de inteligência ou capacidade de pensar, mas as dúvidas e problemas relativos a esses conceitos valem tanto para sujeitos humanos quanto não humanos. Não há, portanto, excepcionalidade que justifique a referência

Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista: o caso do termo “gado” na política brasileira

**Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhnen**



a um grupo bovino com o propósito de ridicularizar ou desmerecer um grupo humano.

A partir das considerações e reflexões apresentadas neste capítulo, esperamos ter contribuído para evidenciar um pouco mais as violências implícitas no uso cotidiano da linguagem humana. É importante enfatizar que não problematizamos a participação das metáforas na construção de significados ou ignoramos sua importância no processo de dar sentidos à realidade. Mas, destacamos a necessidade de nos mantermos constantemente atentos e críticos quanto ao uso da linguagem como um instrumento de opressão, isto é, a serviço da lógica da dominação.

Entendemos que a linguagem não cria ou altera a realidade diretamente, mas pode ser sinalizadora de fatores fundamentais acerca dela quando inserida em sistemas de opressão como o capitalismo patriarcal e colonial. Similarmente, a disposição para ressignificações e reconstruções no âmbito da linguagem indica e exige atenção, cuidado e interesse por modelos mais justos de relações, comunicações, interações e representações. Simultaneamente, reconhecemos a complexidade envolvida no tema das possíveis relações entre linguagem e realidade, e a profundidade que esse assunto demanda. Como se evidenciou ao longo deste capítulo, buscamos contribuir com essa discussão a partir de uma perspectiva ético-política, mas reconhecemos que existem outras dimensões filosóficas importantes para compreender essa relação, como a de cunho ontológico.

Ao partirmos do exemplo do termo “gado”, destacamos que a ausência de uma abordagem interseccional das relações que produzem a subalternidade e a exploração entre grupos nos leva a perpetuar o uso da linguagem a serviço da lógica da dominação, contribuindo para a sustentação dos sistemas de opressão. É importante dar novos significados às experiências negativas decorrentes do uso da linguagem em meio às relações de dominação entre diferentes grupos humanos, bem como no caso do sistema de dominação interespecies. Isso significa romper com os usos opressores da linguagem em diferentes contextos, e, a partir das experiências positivas de interação, reformular a linguagem.

Para construir as críticas aos sistemas de dominação vigentes entre seres humanos não é preciso instrumentalizar os animais não-humanos ou mesmo outros grupos humanos minoritários. Enquanto formos parte de grupos que argumentam estar na

**Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista:
o caso do termo “gado” na política brasileira**

**Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhn**



resistência e na luta progressista, que se propõe inclusiva e aberta a diferentes minorias – incluindo os animais não-humanos –, não podemos ficar presos e limitados aos velhos dualismos hierárquicos de valor e ao modo de pensar e expressar que forma a lógica da dominação. Uma linguagem antiopressora precisa ser também antiespecista, isto é, romper a fronteira da espécie como limite para a inclusão das vidas dignas de proteção e florescimento.

196

Bibliografia

- Aalzola, E. (2010). The anthropocentric paradigm and the possibility of animal ethics. *Ethics & the Environment*, 15(1), pp. 27-50.
- Adams, C. J. (2010). *The sexual politics of meat. A feminist-vegetarian critical theory*. 20th ed. London: Continuum.
- Ades, C. (2010). Do bicho que vive de ar, em diante: uma pequena história da Etologia no Brasil. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 78(1), pp. 90-104.
- Buchanan, B., Bussolini, J. & Chrulew, M. (2014). Introduction: philosophical ethology. *Angelaki: Journal of the Theoretical Humanities*, 19(3), pp. 1-3.
- Butler, J. (2021). *Discurso de ódio: uma política do performativo*. São Paulo: Editora Unesp.
- Capilé, K. et al. (2021). Exploring the Representation of Cows on Dairy Product Packaging in Brazil and the United Kingdom. *Sustainability*, 13(15), 8418.
- Despret, V. (2021). *O que diriam os animais?* São Paulo: Ubu.
- Donovan, J. (1996). Attention to Suffering: Sympathy as a Basis for Ethical Treatment of Animals. In Donovan, J. & Adams, C. (Eds.). *Beyond Animal Rights: A Feminist Caring Ethic for the Treatment of Animals*. New York: Continuum, pp. 147-169.
- Dunayer, J. (2001). *Animal Equality: language and liberation*. Maryland: Ryce Publishing.
- Dunayer, J. (1995). Sexist Words, Speciesist Roots. In Dunayer, J. *Animals and women*. Duke University Press, pp. 11-31.

**Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista:
o caso do termo “gado” na política brasileira**

**Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhnen**



REVISTA LATINOAMERICANA DE
Estudios Críticos Animales

- Ereshfsky, M. (2022). *Species*. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/species/>. Acesso em: 13 abr. 2022.
- Joy, M. (2010). *Why we love dogs, eat pigs, and wear cows: An introduction to carnism*. San Francisco: Conari Press.
- Khell, M. (2008). *Nature Ethics: An Ecofeminist Perspective*. Lanham: Rowman & Littlefield.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- Linné, T.; Pedersen, H. (2017). With care for cows and a love for milk: Affect and performance in dairy industry marketing strategies. In Potts, A. (Ed.). *Meat Culture*. Leiden: Brill Academic Publishers, pp. 109-128.
- Meijer, E. (2019). Introduction. In Meijer, E. *When Animals Speak: Toward an Inter-species Democracy*. New York: New York University Press, pp. 1-12.
- Marino, L. & Allen, K. (2017). The psychology of cows. *Animal Behavior and Cognition*, 4(4), pp. 474-498.
- Plumwood, V. (1993). *Feminism and the Mastery of Nature*. Routledge: London.
- Oliveira, F. A. G. (2021). Especismo Estrutural: os animais não humanos como um grupo oprimido. In Parente, Á., Danner, F. & Silva, M. A. (org.). *Animalidades: fundamentos, aplicações e desafios contemporâneos*. Porto Alegre: Editora Fi, pp. 48-71.
- Rosendo, D. (2019). *Quilt ecofeminista sensível ao cuidado: uma perspectiva de justiça social, ambiental e interespecies*. 237 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Rosendo, D. & Kuhnen, T. (2021). Ecofeminismos. In *Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia*, 7(2), pp. 6-40. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/ecofeminismos/>. Acesso em: 31 out. 2021.

**Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista:
o caso do termo “gado” na política brasileira**

**Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhnen**



Taylor, S. (2017). *Beasts of Burden: animal and disability liberation*. New York: New Press.

Warren, K. J. (2000). *Ecofeminist Philosophy: A Western Perspective on What it is and Why it Matters*. Oxford: Rowman & Littlefield.

Waśniewska, M. et al. (2018). A dog or a wolf: The role of connotations in animalistic metaphors and the process of dehumanization. *New Horizons in English Studies*, 3(1), pp. 3-17.

DANIELA ROSENDO

Doutora e Mestra em Filosofia (UFSC) e graduada em Direito (Univille). Entre 2020 e 2021, realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É pesquisadora do Núcleo de Ética Prática (NuEP) da UFSC, do Laboratório de Ética Ambiental e Animal (LEA) da Universidade Federal Fluminense (UFF), onde co-coordena o projeto *Making Connections*, e do Marginais: Grupo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Minorias e Exclusões, da Universidade Federal do Oeste da Bahia. Membro da Red de Mujeres Filósofas de América Latina (UNESCO), da Rede Brasileira de Mulheres Filósofas e do Instituto Latinoamericano de Estudios Críticos Animales (ILECA).

DENIS DUARTE

Mestre em Ciência de Dados pela University College Dublin (UCD) e graduado em Ciência da Computação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Membro do Laboratório de Ética Ambiental e Animal (LEA) da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Contribuições para a defesa de uma linguagem antiespecista: o caso do termo “gado” na política brasileira

Daniela Rosendo, Denis Duarte, Fabio A. G. Oliveira,
Karynn Capilé, Maria Alice da Silva, Tânia A. Kuhnén



FABIO A. G. OLIVEIRA

Professor de Filosofia da Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (PPGBIOS/UFF). Coordenador do Laboratório de Ética Ambiental e Animal (LEA) e membro do grupo de pesquisadoras(es) do Instituto Latinoamericano de Estudios Críticos Animales (ILECA).

KARYNN CAPILÉ

Doutora em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (PPGBIOS/UFF). Mestre em Ciências Veterinárias pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Graduada em Medicina Veterinária pela Universidade de Marília (UNIMAR). Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

MARIA ALICE DA SILVA

Doutora e Mestre em Ética e Filosofia Política pelo PPGFIL-UFSC e graduada em Filosofia pela UFSC. É autora do livro “Direitos animais: fundamentos éticos, políticos e jurídicos” publicado em 2020 pela editora Ape’ku e organizadora da obra “Animalidades: fundamentos, aplicações e desafios contemporâneos” publicado em 2021 pela editora Fi. É membra pesquisadora dos grupos vinculados ao CNPQ: LEA-UFF e OJE-UFSC. Também é coordenadora do grupo de estudos “ecofeminismos” da UFU e professora da plataforma de ensino “aulasdamariaalice.com.br”.

TÂNIA A. KUHNEN

Professora de Filosofia da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais (PPGCHS/UFOB). Coordenadora do Marginais: Grupo Interdisciplinar de Pesquisa sobre Minorias e Exclusões. Membro da Red de Mujeres Filósofas de América Latina (UNESCO) e da Rede Brasileira de Mulheres Filósofa